



11 de setembro e o fim da esquerda

Lanfranco Caminiti

Siciliano, jornalista, ensaísta e contador de histórias. Colabora com jornais e revistas e publicou livros de história e contos em várias editoras.

Em 11 de setembro de 2001, o mundo mudou repentinamente. Repentinamente, porque ele aconteceu inesperadamente, diante de nossos olhos e ao vivo; mas, como todo grande evento na história, o processo que levou ao 11 de setembro foi de longa duração. E o 11 de setembro é um grande evento na história porque um novo sujeito da história - o fundamentalismo - apareceu repentinamente e continua a se mostrar em sua pujança. Pode-se esquadrihar a História pela descoberta de água quente, ou dizer-se que a Idade Média terminou em 1492 com a descoberta, também inesperada, das Américas; mas prefiro pensar que o mundo é esquadrihado quando um novo sujeito social, econômico e político aparece, independentemente de ter vencido esta ou aquela batalha. Para mim, a Idade Média termina quando surgem as revoltas dos camponeses alemães, um ciclo que durará até o final do século XIX, quando a industrialização em massa do mundo levará ao surgimento de um novo sujeito social e sua nova varredura do tempo: o proletariado.

O 11 de setembro marca essencialmente duas outras coisas: a descoberta da fragilidade do ocidente - fragilidade militar, como policial do mundo - porque, apesar de qualquer tecnologia de guerra, o fator humano continua sendo decisivo em qualquer confronto; e a fragilidade de seu papel de ocupante do mundo, seja ele abertamente colonizador ou "referência ideológica e cultural". Há outro mundo possível lá fora, e ele é o do fundamentalismo, da *sharia* (a arcaica lei islâmica), não o da *liberté, égalité, fraternité* (1789), não o da declaração de independência de 4 de julho de 1776, não o de 7 de novembro de 1917.

Outra coisa que marca o 11 de setembro é o **fim da esquerda** - isto é, a esquerda que tem suas raízes no conflito capital/trabalho, que era um conflito global conduzido por um sujeito político global, o proletariado. O conflito que se abre com o 11 de setembro é de natureza completamente diferente. A caixa de ferramentas que a esquerda tem para interpretá-lo já não serve, e se encontra essencialmente dividida em duas vertentes: uma, defendendo o ocidente contra os bárbaros; a outra, piscando o olho para os bárbaros contra o ocidente. O conflito, portanto, assume um caráter ideológico, propriamente religioso. Na queda das torres gêmeas, muitos, na esquerda, comemoraram - verdadeiro epítome da frustração e da incompreensão, comemoraram o seu próprio fim.

Interpretando erroneamente, nesse caso, o fundamentalismo como a continuidade das lutas de libertação nacional contra o colonialismo e o imperialismo - como se fosse pan-arabismo, como se fosse pan-africanismo. Como se fosse o Vietnã. Quando é justamente da ruptura com essa "tradição" (e com as formações políticas e classes dominantes que as representavam), ou seja, da ruptura com a "política", com as "classes" e a "sociedade", que o fundamentalismo se nutre.

É esse conflito que leva ao renascimento da direita ocidental e dos nacionalismos - que se colocam como os "verdadeiros defensores da civilização ocidental", exaltando seus aspectos mais religiosos e, na política, como defensores de medidas de segurança e de guinadas autoritárias, considerando a fragilidade da democracia - e seu excesso de regras "tutelares" para as minorias - como a causa de seu declínio. O inimigo comum desses direitistas e desses nacionalismos passa a ser "o migrante", sem entender o mais simples: se há um sujeito político, social e econômico que é o oposto e se opõe ao fundamentalismo, esse sujeito é o migrante, o errante. Os migrantes fogem dos horrores da Síria e do Oriente Médio, fogem dos horrores da África, fogem dos horrores da América Central e do Sul: eles querem o Ocidente. Eles fogem porque buscam a vida, exatamente o oposto e o contrário da esquerda e do fundamentalismo que fez do martírio, do sacrifício e do abraço à morte a força de sua ideologia, a reserva inesgotável de sua guerra. O nacionalismo identitário da direita não está interessado em combater o fundamentalismo de forma alguma - e esse é a própria razão de seu crescimento político, sua "proposta" autoritária para nossa salvação. Estamos sempre com os turcos nos portões de Viena.

E o outro sujeito político oposto e contrário ao fundamentalismo são as mulheres, porque é justamente nos corpos das mulheres - destinadas a serem portadoras de mártires - que se baseia a solidez masculina e *patriarcal* do fundamentalismo da *jihad*. Aqueles que se comovem com as lutas das mulheres iranianas - um processo, também, de longa duração - porque elas cortam suas madeixas em público ou porque desafiam a polícia moral ao custo de prisões e espancamentos anunciados e, às vezes, ao custo da morte, não raro subestimam o poder político global desse sujeito. Novo, porque ele nada tem a ver

com o conflito capital/trabalho, com o século XX, mas com o conflito aberto pelo fundamentalismo com o ocidente. Nós “ainda não passamos por aí”, nós ainda não “chegamos lá”.

O ocidente, amedrontado, “persegue” o fundamentalismo, reage com seu poder de fogo travando uma guerra após a outra, e vendo o fracasso delas, uma após a outra – no Golfo, no Iraque, no Afeganistão. O fundamentalismo sai cada vez mais forte. Primeiro o 11 de setembro é reproduzido - em Madrid, em Londres, em Paris - depois a constituição de um estado, o *Daesh*, chega a ser tentada; finalmente, o princípio indefectível da destruição de Israel - o verdadeiro “corpo alienígena” - torna-se uma guerra aberta.

As terríveis imagens do *kibutz* de Kfar Aza serão contrapostas por outras imagens de pequenos palestinos sendo dilacerados por bombas israelenses, em suas casas ou em algum hospital; para cada horror cometido, alguém levantará um dedo, lembrando-se de outros horrores cometidos. E nossos corações se chocarão e se rasgarão - porque tudo isso é verdade, e cada vida humana é preciosa.

Essa não é a maneira de entender o que está acontecendo e o que podemos fazer (além de esperar por corredores humanitários, esperar por um cessar-fogo rápido, esperar por um cessar-fogo de qualquer forma - mas isso está realmente além de nós, e nos resta rezar a todos os deuses do mundo).

E para entender o que está acontecendo, para “explicar” o Hamas, o nacionalismo de Israel e o avanço da direita no mundo, a perplexidade e o declínio irreversível da esquerda, e o que devemos fazer, há o que escrevi acima.

Como se costuma dizer, vamos conversar sobre isso.